DISLEXIA EM CENA: ESTUDO DE CASO DO FILME *OS SINOS DE ANYA*

Clériston Jesus da Cruz[1]

RESUMO
O presente trabalho surge com a proposta de analisar o personagem Scott do filme *Os sinos de Anya* (1999), percebendo quais indícios motivaram o seu diagnóstico de dislexia. Para tanto, o objetivo é verificar por meio do percurso da personagem na narrativa fílmica como as suspeitas iniciais por parte de Anya contribuíram para o diagnóstico de Scott como sujeito disléxico por parte do profissional qualificado. Esta pesquisa, de caráter bibliográfica, tem como base o estudo de caso sobre o filme *Os sinos de Anya* (1999), desenvolvido no seminário de Aquisição de Linguagem (UEFS). Como aporte teórico no que se refere a dislexia tem-se os estudos de Shaywitz (2006), de Mousinho (2004), entre outros. Por fim, este trabalho resulta na compreensão de que quanto antes o diagnóstico e o tratamento oferecido à criança com dislexia, melhor o seu desenvolvimento escolar.
Palavras-chave: Dislexia. *Os sinos de Anya*. Estudo de caso.

DYSLEXIA IN SCENE: CASE STUDY OF THE FILM ANYA'S BELLS

ABSTRACT
The present work arises with the proposal of analyzing the Scott character of the film Anya's Bells (1999), realizing which clues motivated his diagnosis of dyslexia. In order to do so, the objective is to verify through the course of the character in the film narrative how the initial suspicions by Anya contributed to the diagnosis of Scott as a dyslexic subject by the qualified professional. This bibliographical research is based on the case study of Anya's Bells (1999), developed at the Language Acquisition Seminar (UEFS). As a theoretical contribution with regard to dyslexia we have the studies of Shaywitz (2006), by Mousinho (2004), among others. Finally, this work results in the understanding that the sooner the diagnosis and treatment offered to children with dyslexia, the better their school development.
Keywords: Dyslexia. *Anya's Bell*. Case study.

1 INTRODUÇÃO

Hodiernamente, os filmes estão sendo utilizados como ferramenta de formação docente. Assim, intercalado com a sua finalidade inicial de entretenimento, as películas estão sendo levadas às salas de aulas como recurso metodológico para a compreensão e estudos de fenômenos humanos e sociais. Logo, não é raro verificar pesquisas[2] em que tomam o filme

[1] Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contato: cleriston.cruz@hotmail.com.

[2] Ver registro de pesquisas relacionadas ao uso de filme como ferramenta pedagógica no site da Capes, mais especificamente no Catálogo de Teses e Dissertações (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>), ao inserir na caixa de pesquisa os termos “filme” e “recurso pedagógico” simultaneamente.

como artifício pedagógico, pois a dinamicidade de conteúdo e movimento frente a tela coloca o espectador diante de situações que podem vir a ser típicas do seu cotidiano. No caso dos sujeitos em formação, essas situações estão servindo como exercícios práticos de aprendizagem.

Diante disso, o presente trabalho surge com a proposta de analisar o personagem "Scott" do filme *Os sinos de Anya* (1999), percebendo quais indícios motivaram o seu diagnóstico de dislexia. Para tanto, o objetivo é verificar por meio do percurso da personagem na narrativa fílmica como as suspeitas iniciais de Anya contribuíram para o diagnóstico de Scott como sujeito disléxico por parte do profissional qualificado.

Ademais, esta pesquisa, de caráter bibliográfica, tem como base o estudo de caso sobre o filme *Os sinos de Anya* (1999), desenvolvido no seminário de Aquisição de Linguagem[3]. O referido estudo teve como foco destacar e, consequentemente, discutir cenas nas quais pudessem ser observadas ações referentes ao transtorno de dislexia. À vista disso, este texto não é somente o resultado sistemático do estudo de caso, mas uma ampliação teorizada dos questionamentos observados na película. Isto posto, como aporte teórico, em especial ao que se refere a dislexia, tem-se os estudos da doutora em Medicina Sally Shaywitz (2006), da doutora em Linguística Renata Mousinho (2004), entre outros.

2 DISLEXIA EM CENA: *OS SINOS DE ANYA*

> Educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético. Cinéfilos e consumidores de imagens em geral são espectadores passivos. Na realidade, são consumidos pelas imagens. Aprender a ver cinema é realizar esse rito de passagem do espectador passivo para o espectador crítico (CARMO, 2003, p. 77).

Além disso, com a difusão da internet e, agora, dos *streamings* de vídeo, assistir filmes não é mais uma prática restrita ao cinema ou as tradicionais seções da tarde, mas tornou-se uma atividade que domina boa parte das rotinas, em especial, a dos adolescentes. Logo, pensar o uso de filmes como recurso pedagógico não é uma forma de inovar a educação e/ou as práticas de aprendizagens, pois a visualização de películas já faz parte do cotidiano, assim não é algo novo, mesmo que inseridos em espaços como escolas e faculdades. Desse modo, o

[3] Componente curricular do curso de Especialização em Linguística Aplicada ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa ministrado em 2018, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

emprego de filmes nos espaços de aprendizagens sistematizadas deve ser encarado com um instrumento a mais no que se refere a aquisição do conhecimento científico.

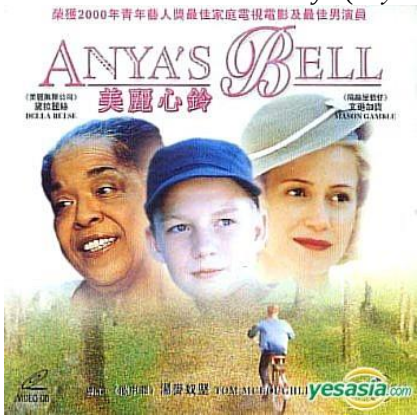
Dito isso, o uso de filmes amplia as possibilidades de vivências e aproximam os sujeitos há realidades concretas, sendo possível ver, ouvir e, como neste trabalho, analisar eventos pré-determinados. A construção de debates teóricos e multitemáticos, ora individuais ora grupais, também se configura como um ponto positivo do uso de filmes nos ambientes de aprendizagens formais, prioritariamente os grupais, uma vez que lançam sobre o mesmo tema olhares com experiências e conhecimentos distintos, obtendo mais de uma perspectiva sobre os assuntos. De mais a mais, Silva e Tuleski (2014, p. 179) acrescentam que,

> enquanto um recurso promovedor de reflexão e de ampliação de significados, o cinema cria oportunidades para abordar contradições que o espaço acadêmico formal nem sempre possibilita, ampliando-as para além da particularidade para o âmbito do social. Nesse sentido, o cinema, como forma de arte, oferece condições para a superação da dimensão cotidiana alienada, na qual os indivíduos têm suas vivências. No entanto, não é qualquer filme e nem de qualquer forma que a fruição oferece esta condição.

Portanto, analisar películas fílmicas não está atrelado apenas à consciência de sua narrativa, do que se explícita na tela, mas é ter um olhar crítico para as sutilezas que moderam a vida das personagens. Com isso, ao analisar *Os sinos de Anya* (1999) não se pretende limitar a discussão há biografia das personagens, mas tomar a história como um recurso mediador para o debate teórico relacionado à dislexia.

2.1 Considerações sobre *Os sinos de Anya*

Figura 1: Pôster de *Os sinos de Anya* (*Anya's Bell*)



Fonte: Imdb.[4]

[4] Pôster disponível no site Imdb (https://www.imdb.com/title/tt0218819/?ref_=ttmi_tt).

A película *Os sinos de Anya*, em inglês *Anya's Bell*, lançado em 1999 pela rede de televisão americana CBS, com direção de Tom McLoughlin e produção de Franklin Lett, é uma narrativa situada no gênero drama. O filme conta a história de Anya, mulher cega que tem sua rotina alterada por um menino de 12 anos chamado Scott. A obra, apesar de ter como foco a relação de amizade entre os dois personagens citados, apresenta outros elementos passíveis de análise. No caso deste trabalho, os elementos selecionados são as cenas que se encontram sob o véu do tema dislexia.

O filme, cujo enredo se passa no fim da década de 40, narra a história de Scott, menino com dificuldades de leitura e escrita, que rotineiramente ao ser taxado como burro ou incapaz passa por situações constrangedoras. A professora, que deveria auxiliar na superação das dificuldades do garoto ridiculariza-o perante a classe. E a mãe, sendo solteira em uma época na qual a sociedade reprovava tal estado civil e tendo que trabalhar para manter a casa não dispunha de tempo hábil para acompanhar o desenvolvimento do garoto. Logo, observa-se que Scott cresce sem a atenção necessária, numa época em que a dislexia era pouca conhecida.

Anya, por sua vez, é uma senhora cega que após a morte de sua mãe vive restrita no espaço de casa. Sem ter outra pessoa para ajudá-la nas tarefas diárias, ela vive atormentada com a ideia de ter que se mudar para um asilo. Assim, apesar de possuírem trajetórias de vida diferenciadas, Anya e Scott, aos se conhecerem, conseguem constituir não só uma relação amigável, mas também de apoio. Enquanto o garoto ajuda Anya a ter uma vida mais independente, ela retribui auxiliando-o com as dificuldades de leitura e escrita.

2.2 Considerações sobre dislexia

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem que afeta tanto a leitura quanto a escrita. Ela caracteriza-se pela dificuldade com a fluência correta na leitura, na habilidade de decodificar e de soletrar. Tais dificuldades resultam normalmente de um déficit no componente fonológico da linguagem. Em termos neurológicos, a dislexia é ocasionada pela interrupção ou malformação nas conexões cerebrais que ligam as zonas anteriores - lobo frontal – com as zonas posteriores – lobo parietal e occipital – do córtex cerebral.

Estudos apontam que diferente do leitor normal, o leitor disléxico se utiliza mais da área de broca e dos sistemas auxiliares de leitura que se localizam no lado direito do cérebro. Apesar de funcional, o sistema direito não possui características autônomas, logo a atividade de leitura que normalmente ocorreria de maneira mecânica, com reconhecimento automático das

palavras, ao ter como rota compensatória o lado direito isso acontece de modo mais lento. A seguir, destaca-se na figura 1, extraída do livro *Entendendo a dislexia* (2006), projeção de um cérebro com suas funções normais e outro com dislexia, ambos em atividade de leitura.

Figura 2: Extraído da obra *Entendendo a dislexia* (2006).

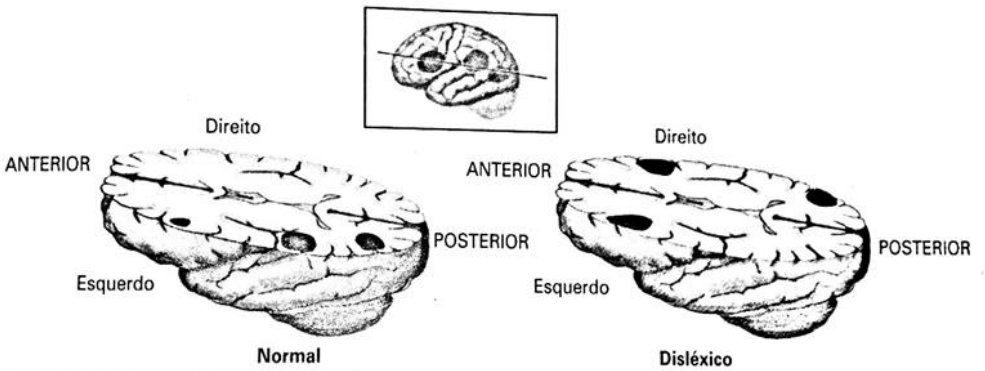


Figura 7.12 Os leitores disléxicos usam sistemas compensatórios para ler.

O leitor normal, à esquerda, ativa sistemas neurais que estão em sua maioria na parte posterior esquerda do cérebro; o leitor disléxico, à direita, ativa sistemas do lado direito e na parte frontal esquerda do cérebro.

Fonte: SHAYWITS, 2006, p. 75.

Atinente aos primeiros indícios da dislexia toma-se como base inicialmente os estudos feitos por Shaywits (2006). É interessante ressaltar que os indícios apresentados adiante não são sinais padronizados que definem os sujeitos disléxicos, uma vez que as dificuldades observadas nos sujeitos com possível diagnóstico são vistos também no processo de desenvolvimento da linguagem humana. Nesse sentindo, tais indícios devem ser estudados e observados visando a identificação de uma regularidade e/ou traço permanente de dificuldade nas habilidades de leitura e escrita.

O primeiro indício apontado por Shaywits (2006, p. 83) pode ser o atraso na fala. De acordo com a autora, normalmente as crianças pronunciam suas primeiras palavras por volta de 1 ano de idade, contudo as crianças propensas à dislexia acabam tendo um atraso nesse quesito. Desse modo, tendem a pronunciar suas primeiras palavras a partir de 1 ano e 3 meses e frases por volta dos 2 anos. Apesar do atraso não ser tido muitas vezes como algo relevante, o melhor é que seja encarado como um sinal precoce, principalmente se na família houver diagnósticos de dislexia.

Outro indício precoce são as dificuldades de pronúncia que se mantém por longos estágios de desenvolvimento do indivíduo. Segundo Shaywitz (2006, p. 84), com 5 ou 6 anos as crianças devem pronunciar sem embaraço grande parte das palavras presentes em seu léxico. A dificuldade em pronunciar novas palavras e/ou palavras consideradas extensas, apesar dessa

ação ser vista como pertencente a essa faixa etária, devem ser monitoradas, pois uma série de tentativas, muitas sem êxito, pode configurar como um sinal de dislexia.

A insensibilidade às rimas também é vista por Shaywitz (2006, p. 84) como um indício de dislexia. Diferente das demais crianças, aquelas com possibilidade de serem disléxicas possuem dificuldade em pronunciar rimas simples, devido confundir as palavras com sonoridades iguais. Como exemplo, Shaywitz (2006, p. 84) apresenta o seguinte exemplo:

> No começo da pré-escola, quando a maior parte das crianças é capaz de julgar se duas palavras rimam, as crianças disléxicas talvez ainda não consigam demonstrar que *ouvem* a rima. Por exemplo, quando se perguntam a elas "As palavras *food* e *foam* rimam?" ou "*Talk* e *walk* rimam?", as crianças disléxicas frequentemente não conseguem dizer qual dos dois pares rima, pois não conseguem concentrar-se em apenas uma parte da palavra – nos exemplos, a rima em *alk* – para determinar que *talk* e *walk* rimam (grifos do autor).

Para mais, a pesquisadora Renata Mousinho em artigo para *Revista Sinpro* (2004), além de destacar os indícios de dislexia apontados acima, lista algumas dificuldades básicas, principalmente em período escolar, que podem ser avaliados como sinais para um possível diagnóstico.

> Dificuldade de alfabetização.
> Leitura sob esforço.
> Leitura oral entrecortada, com pouca entonação.
> Tropeços na leitura de palavras longas e não familiares.
> Adivinhações de palavras.
> Necessidade do uso do contexto para entender o que está sendo lido.
> [...]
> Dificuldade na organização e elaboração de textos escritos.
> Dificuldades em escrever palavras irregulares (sem correspondência direta entre grafema e fonema – "dificuldades ortográficas" (MOUSINHO, 2004, p. 31-32).

Com base nisso, entende-se que a exposição e o conhecimento de tais dificuldades e indícios, tanto por parte dos pais quanto dos professores, auxiliam na identificação primária das dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, além de possibilitar o encaminhamento da criança aos profissionais especializados com o intuito de diagnosticá-lo como sendo ou não disléxico.

3 RESULTADO: EXPLORANDO *OS SINOS DE ANYA*

Como mencionado nos tópicos anteriores, o objetivo deste texto é analisar a película *Os sinos de Anya* (1999), a fim de identificar quais os indícios e dificuldades que

levaram o personagem Scott a ser diagnosticado com dislexia. Outrossim, o trabalho também reflete sobre a participação de Anya na conclusão dos fatos, uma vez que a personagem foi o sujeito primário que identificou o déficit de aprendizagem de Scott. Ademais, segue-se estudo do filme.

Quadro 1

Cena: 1	**Tempo:** 00:01:26s
Descrição da cena	
Scott encontra-se em sala de aula participando de uma atividade - Ditado frasal. A professora ao notar que Scott copiara no próprio braço algumas palavras a fim de transcrevê-las de maneira acertada no caderno, expõe-no para a turma, dizendo que este trapaceará no ditado.	

Fonte: Elaboração do autor.

Conforme a descrição da cena 1 pode-se perceber que Scott cria uma estratégia para a realização da atividade escrita ministrada pela professora, pois o garoto copia previamente as palavras em seu braço. Isso demonstra sua dificuldade em relacionar os fonemas à escrita das palavras. Segundo Shaywitz (2006), há etapas no desenvolvimento da criança em que se espera que ela discorra por meio da escrita os sons das letras que lhe são apresentadas. Nisso,

> pela primeira vez, espera-se que a criança conecte os rabiscos que chamamos de letras aos nomes que damos a elas e a seus sons. Isso é o começo da leitura. É um fator necessário, se não inteiramente relevante, que deve estar disponível para que a criança leia. Por outro lado, as dificuldades em adquirir tais habilidades são um primeiro sinal de que a criança talvez tenha um problema de leitura" (SHAYWITZ, 2006, p.86).

Dito isso, a cena 1 já apresenta os primeiros indícios de um sujeito com possível dislexia, pois a dificuldade de reconhecer os fonemas incidi na escrita de Scott. No mais, o fragmento descritivo da película evidencia que a professora possivelmente desconhece e ou nunca parou para refletir acerca das dificuldades de leitura e escrita do garoto, pelo contrário, a professora humilha-o e constrange-o na frente dos colegas, reforçando a ideia que ele tem de si (ser um retardado).

Quadro 2

Cena: 2	**Tempo:** 00:12:50s
Descrição da cena	
Em seu quarto, Scott tenta fazer a leitura e, posteriormente, a escrita de suas atividades escolares. Porém ao perceber a grande dificuldade que possui acaba por não as cumprir. A cena se encerra mostrando que Scott preferira desenhar em vez de ler/escrever.	

Fonte: Elaboração do autor.

Na cena 2 observa-se outro indício de possível dislexia, pois Scott demonstra uma grande dificuldade para ler. Ele esforça-se, mas mal consegue pronunciar algumas letras. Tal

dificuldade toma maiores proporções quando o garoto para de tentar realizar suas tarefas escolares. Nesse sentido, a pesquisadora Shaywitz (2006) menciona que "para os leitores disléxicos, o processo de aprendizagem de leitura e de se tornar um leitor capacitado é extremamente lento. Objetivos comuns a todos os leitores são atingidos com muito atraso" (p. 94).

Diante disso, a cena mostra que a desmotivação de Scott leva-o a buscar outra atividade que pareça mais atrativa, no caso desenhar. Por esse ângulo, Mousinho (2004, p. 32) relata que sujeitos disléxicos possuem boa performance em área que não denotem atividade constante de leitura, a saber: artes, computação, matemática etc.

Quadro 3

Cena: 3	**Tempo:** 00:21:30s
Descrição da cena	
Em reunião com a mãe de Scott, a professora exibe o seu descontentamento para com o garoto, julgando-o preguiçoso. A professora ainda lista as dificuldades que o aluno possui em sua matéria (*leitura de segundo ano, gramática e ortografia pior*) com o intuito de reforçar a sua fala.	

Fonte: Elaboração do autor.

O que pode ser percebido na cena 3 é que o método de ensino utilizado pela professora de Scott não viabiliza a sua aprendizagem e tão pouco contribui para a identificação indiciária das dificuldades de aprendizagens ou quaisquer outros problemas acometidos aos seus alunos. A professora restringi o erro como sendo resultado de preguiça ou de mal comportamento. À vista disso, em Mousinho (2004) vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

> Apesar de termos visto que a dislexia não é causada por fatores ambientais, o seu futuro depende de forma imprescindível do meio. Portanto, uma educação que reconheça as dificuldades específicas destes alunos muito poderá contribuir para o seu desenvolvimento. Associadas a um tratamento interdisciplinar (às vezes é necessário fazer uma eleição terapêutica, ou seja, priorizar um tratamento em um dado momento), a escola e a família exercem um papel fundamental para que a dislexia não se torne mais um fator de impedimento no crescimento acadêmico. O professor é indispensável neste caminho, identificando, em um primeiro momento, e podendo compreender e auxiliar essas crianças e jovens em seu processo educativo" (MOUSINHO, 2004, p. 33-34).

Logo, ter uma visão individualista para com os alunos é fundamental à prática docente, pois permite compreender cada sujeito dentro de um sistema que, por vezes, homogeneíza as crianças. Assim, não é necessário que os professores sejam especialistas em dificuldades e transtornos de aprendizagens, mas que sejam capazes de não creditarem os erros

somente as questões comportamentais, e sim auxiliarem na identificação primária desses problemas, a fim de encaminhar precocemente os alunos à profissionais especializados.

Quadro 4

Cena: 4	**Tempo:** 00:55:50s
Descrição da cena	
Anya solicita que Scott busque um livro na biblioteca. Ao trazê-lo, a senhora pede para que o garoto faça a leitura. Scott, mesmo envergonhado e desconfortável, tenta realizá-la, todavia não dura 1 minuto. Anya então pede que o garoto leia o mesmo livro na versão em braile. A leitura é feita sem dificuldades.	

Fonte: elaboração do autor.

Na cena 4, tem-se a constatação de que Anya não só percebeu como Scott se comportava perante as ações que envolviam a leitura, como buscou atestar as suas suspeitas por meio de uma atividade simples de leitura em voz alta. Nesse sentido, é evidenciado que um entendimento básico dos processos de leitura e um olhar atento para com o outro são tão importantes quanto um diagnóstico profissional, pois o direcionamento para o diagnóstico profissional de Scott só foi possível a partir da intervenção de Anya. De acordo com Shaywitz (2006), na suspeita de algum problema relacionado a dificuldade de aprendizagem

> é importante observar com que frequência e incidência se manifestam. Não é necessário preocupar-se com sinais isolados ou que aparecem muito raramente, pronunciar mal uma palavra aqui e ali ou confundir palavras cuja sonoridade é parecida. O que se deve buscar é um padrão persistente – a ocorrência de um determinado número de sintomas que aparece durante um período prolongado. Isso sim representa a probabilidade de que haja dislexia (SHAYWITZ, 2006, p. 105).

Quadro 5

Cena: 5	**Tempo:** 01:00:00s	**Cena:** 6	**Tempo:** 01:10:40s
Descrição da cena		**Descrição da cena**	
Jeanne Rhymes, mãe de Scott, recebe o convite de Anya para que elas possam conversar em sua casa. No momento do encontro, Anya, conta a Jeanne sobre as dificuldades escolares que Scott a confidenciara e a possibilidade de o garoto possuir dislexia. Anya, ainda, encoraja Jeanne para que ela leve Scott em um especialista. Apesar do desconforto, Jeanne segue os conselhos de Anya.		No consultório, após ser avaliado, Scott recebe o diagnóstico de disléxico. Em conversa com a profissional, o garoto entende que a dislexia afeta a sua leitura e outras atividades relacionadas.	

Fonte: Elaboração do autor.

Por fim, nas descrições das cenas 5 e 6 tem-se o desfecho da história de Scott. Desfecho este que ocorrera de forma positiva devido da intervenção feita por Anya, já que o diagnóstico do profissional qualificado só se tornou possível a partir de sua escuta cuidadosa para com os dizeres e as ações do garoto.

Com relação a Jeanne, mãe de Scott, vale ressaltar que mesmo sendo preocupada com o bem-estar do filho, ela acaba colocando as dificuldades de aprendizagem do garoto em

segundo plano e, assim como a professora, assume o discurso de que os problemas de leitura e escrita são advindos simplesmente de fatores comportamentais. Do ponto de vista de Shaywitz (2006) "por sorte, os pais podem desempenhar um papel ativo na identificação de um problema de leitura. Tudo o que se pede é um pai observador que saiba o que está ocorrendo e deseje utilizar parte de seu tempo para ouvir seu filho falar e ler" (p. 102). Nessa perspectiva, para a sorte de Scott, Anya que assume a princípio tal papel ativo, assistindo-o até depois de sua morte com o custeio de uma educação especializada.

4 CONCLUSÃO

O que pode ser observado inicialmente por meio deste trabalho é que as pesquisas através de filmes são tão importantes quanto as atividades estritamente teóricas que assolam as formações universitárias. Fazer das películas materiais para estudos de casos contribui para aplicação da teoria há situações analogamente reais, com sujeitos, casos e problemas que facilmente se desvelam nas rotinas profissionais.

A respeito do estudo aqui apresentado foi possível verificar como as pesquisas sobre dislexia podem ser aplicadas na avaliação de determinados quadros. E, como a busca por indícios e dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, baseados nos estudos de Shaywitz (2006) e Mousinho (2004), podem contribuir para o diagnóstico precoce de dislexia por parte dos profissionais qualificados.

Outro ponto importante que este estudo propiciou foi a observação do comportamento de um sujeito quando este desconhece as causas que levam às suas falhas de aprendizagem. No caso de Scott, percebia-se uma criança introvertida, ainda que prestativa as necessidades alheias. Por ter ciência dos seus erros, mas não saber a quem recorrer para ajuda-lo, o garoto mantinha-se calado, aceitando os adjetivos insultuosos que a professora e os colegas o impunham. Chasty (2002) afirma que "as crianças disléxicas estão muitas vezes deprimidas por causa dos seus fracassos, e têm plena consciência das suas dificuldades escolares" (p.11). E acrescenta que no tocante a escola, elas "podem sentir a sala de aula como um ambiente angustiante, e se não forem alvo da atenção e da educação especializadas de que carecem, podem ficar perturbadas e revelar, para além dos problemas de aprendizagem, problemas de comportamento" (CHASTY, 2002, p.11).

Por fim, outro resultado deste trabalho é a percepção de que quanto antes o diagnóstico e o tratamento oferecido a criança com dislexia, melhor o seu desenvolvimento

escolar. Para Scott, a presença de Anya em sua vida, mesmo que tardiamente, foi significativo em razão do seu diagnóstico e da necessidade de conhecer o motivo de suas dificuldades.

5 REFERÊNCIAS

CARMO, L. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. In. **Revista Iberoamericana de Educação**. nº 32, maio-agosto de 2003.

CHASTY. H. O que é Dislexia. In: **Choque Linguístico** – A Dislexia nas Várias Culturas. Tradução de Jorge Andrade Silva. Bruxelas: Dyslexia International – Tools and Technologies, 2002, p. 8-13.

DEUSCHLE, V. P.; CECHELLA, C**.** O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia*:* diagnóstico e intervenção. In: **Revista CEFAC**. v. 11. 2009, p. 194-200. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11s2/16-08.pdf>Acesso em: 23 de jan. de 2019.

MOUSINHO, R. Conhecendo a Dislexia. In: **Revista Sinpro**. Rio de Janeiro, 2004, p. 26-33. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/DIFICULDADES-DE-APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 23 de jun. de 2019.

OS SINOS DE ANYA. Direção: Tom McLoughlin. Roteiro: David Alexander. EUA, 1999. (97min.), DVD.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Trad. Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, M. A. S.; TULESKI, S. C. Dificuldades de aprendizagem em cena: o que o cinema e a Psicologia Histórico-Cultural têm a dizer sobre a dislexia. In: **Interfaces da Educação**. v. 5, n.14. Paranaíba, 2014, p. 177-199.